



Do mundo da fantasia para o mundo do ABC: A Perceção da criança

From the fantasy world to ABC world: Children perception

Ângela Pires, Ana Batista, Elisabete Brito, Filomena Velho
Instituto Politécnico da Guarda

Resumo

Este artigo pretende aferir as perceções da criança do pré-escolar na entrada para o 1º CEB. O método utilizado foi o inquérito por entrevista, aplicado a 11 crianças, na transição entre o pré-escolar e o 1º CEB, com idades entre os 5 e os 7 anos, tendo sido realizado em dois estabelecimentos de educação da cidade da Guarda. Os resultados obtidos mostraram as expectativas, medos e crenças da criança neste período de transição permitindo que o educador/professor tenha uma perspetiva mais alargada das necessidades das crianças nesta fase tão importante da sua vida.

Palavras-chave: Educação pré-escolar, 1º CEB, Perceções da criança.

Abstract

The present article aims to evaluate the child's perception of pre-school education as they enter primary school. The method used was interview questions, applied to 11 children, in the transition between pre-school and primary school, aged between 5 and 7 years old, and it was carried out in two public establishment of Guarda. The results obtained showed the expectations, fears and beliefs of the child in this transition period, allowing for the educator/teacher to have a larger perspective of the needs of the children in this very important phase of their life.

Keywords: Pre-school education, 1º CEB, Children's perceptions

O presente estudo decorreu da nossa experiência de Prática de Ensino Supervisionada (PES), no âmbito do mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º CEB, primeiramente, no último ano do jardim de infância e, de seguida, no primeiro ano do 1º CEB. Esta experiência, permitiu-nos compreender o quão são únicos e distintos estes períodos na vida das crianças, o que nos suscitou a vontade de procurar saber de que modo as mesmas lidam com este momento de mudança, tão crucial nas suas vidas, e qual a sua conceção na transição entre o pré-escolar e o 1º CEB, quais os seus medos, crenças e anseios. Sendo a educação pré-escolar, ainda que sem carácter obrigatório, “a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida” (OCEPE, 2016, p.5), e o 1º CEB “a etapa da escolaridade em que se concretiza, de forma mais ampla, o princípio democrático (...) e contribui para aprofundar a democratização da sociedade, numa perspetiva de desenvolvimento e progresso (...) promovendo a realização individual e preparando (...) para uma intervenção útil e responsável na comunidade (M.E,

2004, p.11), consideramos ser importante refletir sobre a articulação entre ambos os ciclos, tendo em conta “que este momento de transição é algo que está conotado por uma grande diversidade de emoções (stress, medo, alegria, angústia) (Sim-Sim, 2010, citado por Martins, 2014, p.34). São estas transições que nos inquietam, enquanto educadores/professores, e que preocupam também a família, provocando interrogações acerca do modo como a criança irá lidar com a situação. Por esse motivo, é tão importante dar à criança, nesta fase, uma atenção especial “transmitindo-lhe uma visão positiva dessa passagem como uma oportunidade de crescer, de realizar novas experiências, de conhecer novas pessoas e contextos, de iniciar um novo ciclo, de forma a sentir confiança nas suas capacidades para dar resposta aos desafios que se lhe colocam” (OCEPE, 2016, p.97). Deste modo, cabe ao educador de infância facilitar, em articulação com os colegas do 1º CEB, a transição da criança para a escolaridade obrigatória (OCEPE, 2016). Face a esta consciência, foi objetivo deste estudo refletir sobre a necessidade de se realizar uma “Praxis reflexiva” (Marchão, 2002, p.36) acerca da perceção das crianças na transição para uma nova etapa educativa. Estando a criança, no centro da ação educativa, e sendo ela a principal implicada neste processo de transição para a escolaridade obrigatória, é necessário que se sinta “integrada no ambiente (...) educativo, devendo sentir que pertence ao grupo e que é aceite, compreendida e protegida pelos adultos” (Katz et al, 1997, p.20). Segundo as OCEPE (2016, p.9) “o reconhecimento da capacidade da criança para construir o seu desenvolvimento e aprendizagem supõe encará-la como sujeito e agente do processo educativo, o que significa partir das suas experiências e valorizar os seus saberes”. Assim, ouvir a criança e implicá-la nesta ação deverá ser uma das estratégias a utilizar nos processos de transição, visto que é ela a “especialista da sua própria aprendizagem” (Katz et al, 2009, p.22). As motivações que orientaram este estudo foram procurar compreender o significado que as crianças atribuem às suas experiências e desafios em contexto de pré-escolar na transição para um novo ciclo: o 1º CEB. Concluímos, portanto, que a perspetiva da criança é importante, porque amplia o nosso olhar enquanto investigadoras, aumentando o nosso conhecimento, relativamente à realidade educativa que se pretende estudar.

Método

Metodologicamente, foi desenvolvido um estudo de cariz qualitativo e exploratório, tendo-se utilizado o inquérito por entrevista que se define, na perspectiva de Rugoy (1997, citado por Ribeiro, 2005, p.80), como “o instrumento mais adequado para delimitar os sistemas de representações de valores, de normas veiculadas por um indivíduo e apresenta um tipo de comunicação bastante particular”. Nas suas diferentes formas, as entrevistas distinguem-se pela apresentação dos processos fundamentais de comunicação e interação humana. Corretamente utilizadas, as entrevistas, enquanto metodologia científica, permitem ao investigador retirar informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados. Neste estudo, foi aplicada uma entrevista semiestruturada que se caracteriza, segundo Formosinho & Araújo (2013) e Máximo-Esteves (2008, p. 99-100), pela “modalidade (...) que reúne um conjunto de atributos permitindo utilizá-la como instrumento metodológico mais adequado para dar expressão à voz das crianças, sendo um requisito indispensável para que esta se torne participante ativa na (re)construção do conhecimento científico sobre si própria”. Esta entrevista seguiu dois guiões, previamente formulados pela investigadora e testados com um grupo de crianças de modo a compreender se as perguntas expressavam a clareza necessária para a obtenção da informação pretendida (pré-teste). Os mesmos incluíram perguntas de resposta fechada e aberta, com o objetivo de; i) verificar a perceção das crianças, na transição entre a educação pré-escolar e 1º CEB; ii) entender as alterações pelas quais a mesma passa, tanto a nível cognitivo como social; iii) perspetivar as suas vivências, emoções e anseios nesta fase de transição; iv) concluir sobre as suas necessidades e expectativas. Posteriormente, e já na fase processual, tivemos contacto direto com as crianças do nosso estudo, recorremos à observação direta dos seus comportamentos e percecionámos o modo como se comportavam perante determinada pergunta. Este contacto permitiu-nos estabelecer uma ligação afetiva com as crianças, ao mesmo tempo que possibilitou uma conversa informal, embora intencional e orientada. A par da entrevista, e depois de a mesma ter sido realizada, foi feita uma análise de conteúdo das respostas obtidas, a qual, na perspectiva de Bardin (2007, p. 37) se traduz em um “conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição o conteúdo das mensagens”, sendo um “método que recorre ao estabelecimento de categorias para analisar sistematicamente os dados obtidos a partir dos documentos” Bell (2002, citado por Alves, 2008, p.24).

Participantes

Neste estudo participaram, assim, 11 crianças, entrevistadas em dois momentos distintos, especificamente, no mês de maio (ainda a frequentarem o último ano do pré-escolar) e, posteriormente, em meados de setembro (já a frequentarem o 1º ano do 1º CEB). As suas idades variavam, no primeiro momento entre os 5 e 6 anos de idade e, posteriormente, entre os 6

e 7 anos. A realização da primeira entrevista (maio) foi feita em dois estabelecimentos de ensino diferentes, nomeadamente, o jardim de infância da Sé e o jardim de infância da Escola Regional Dr. Dinis da Fonseca, mais conhecida como Outeiro de São Miguel. A segunda entrevista (setembro), e tendo a investigadora seguido os alunos na sua entrada para o 1º CEB, foi também realizada na Escola Regional Dr. Dinis da Fonseca – Outeiro de São Miguel e na Escola Básica do Bonfim, ambas na cidade da Guarda.

Procedimentos

Para a realização das entrevistas, solicitámos uma autorização prévia aos responsáveis das respetivas instituições e às educadoras/professoras explicitando a finalidade do estudo. Na elaboração das entrevistas, houve uma definição prévia e clara dos objetivos, tendo-se ainda tido em conta alguns aspetos importantes, como a utilização de uma linguagem adequada ao público alvo e a criação de uma relação empática prévia e motivadora. Por outro lado, e a fim de manter a coerência de procedimentos, utilizámos o guião previamente preparado para a orientação da entrevista que, servindo de instrumento orientador, nos possibilitou também uma grande flexibilidade de procedimentos no contacto com a criança (a título de exemplo, houve alteração da ordem das perguntas, sempre que se julgou oportuno, com o objetivo de dar continuidade ao pensamento da criança). Começámos, assim, por entrevistar, no mês de maio e, posteriormente, no final do mês de setembro, o grupo de crianças, de forma a compreender as suas conceções sobre a transição para o mundo do 1º CEB, considerando-se que, neste estudo, essas perceções só poderiam ser atingidas através de um contacto direto com as crianças, até porque as “entrevistas às crianças, quando bem realizadas, ajudam a criança no processo de auto-avaliação e de tomada de consciência dos seus processos de aprendizagem” Formosinho (2008, p.119). Como tal, organizámos este encontro nos dois contextos referenciados: o contexto de pré-escolar e o contexto de 1º CEB. A entrevista foi operacionalizada entre a investigadora e duas crianças de cada vez (sendo propositadamente agrupadas uma criança mais introvertida e outra mais extrovertida), por considerarmos que este aspeto facilitaria a comunicação. A escolha das crianças ficou ao critério das docentes titulares, melhores conhecedoras do grupo, e as entrevistas foram marcadas tendo em conta a disponibilidade dos envolvidos. As questões colocadas foram claras e diretas dando-se, como se referiu, liberdade às crianças na formulação das suas respostas. No decorrer da entrevista e para garantir que as crianças eram compreendidas, foi necessário resumir algumas das suas noções e estar atenta às suas interações não-verbais.

Resultados

Para a realização das entrevistas, como instrumento de recolha de dados, solicitámos a gravação áudio das mesmas, garantindo o absoluto anonimato dos participantes, tendo em conta que, seguindo a “exatidão das palavras e usos linguísticos”, se aumenta “o registo exato das respostas do entrevistado” (Goetz e LeCompte,

1988, cit. por Pacheco, 1995, p. 89). Esta recolha permitiu-nos a transcrição clara e objetiva de todas as entrevistas com vista à posterior categorização das respostas das crianças o que possibilitou a análise objetiva e sistemática dos dados (Bardin, 2007). A categorização consiste em codificar informações consideradas relevantes, permitindo uma melhor perceção dos resultados obtidos. Nessa sequência, procedemos ao estabelecimento das seguintes categorias para o contexto pré-escolar: i) perceção jardim de infância; ii) sentimentos 1º CEB; iii) perceção 1º CEB; iv) transição entre os dois contextos; v) presença da educadora no ano seguinte. Relativamente ao 1º CEB, a categorização efetuada foi a seguinte: i) importância de mudar de escola; ii) sentimentos 1º CEB; iii) diferença entre ambos os contextos; iv) diferença entre educadora e professora; v) diferença entre estabelecimentos. Os dados recolhidos nas entrevistas foram, então, categorizados e posteriormente analisados, encontrando-se os resultados obtidos nas figuras infra. Uma com os resultados do contexto de pré-escolar (figura 1) e outra, com os resultados do contexto de 1º CEB (figura 2). Das respostas dadas pelas crianças, algumas encontram-se transcritas, a título exemplificativo, para melhor compreensão da análise realizada. No que diz respeito ao contexto de pré-escolar, a entrevista foi, como referido, elaborada em dois estabelecimentos diferentes, tendo as crianças sido sempre entrevistadas nas salas de atividades, por se considerar que a criança se sente em segurança no seu ambiente educativo, estando mais desinibida e confiante. Antes de cada entrevista realizou-se, como motivação inicial (Sprinthall, 2000) um jogo com as crianças de modo a criar uma relação empática e alguma familiaridade com o grupo, só se dando início à entrevista quando se considerou que as crianças já estavam descontraídas para responder às perguntas. A figura 1, apresenta os resultados obtidos no contexto de pré-escolar.

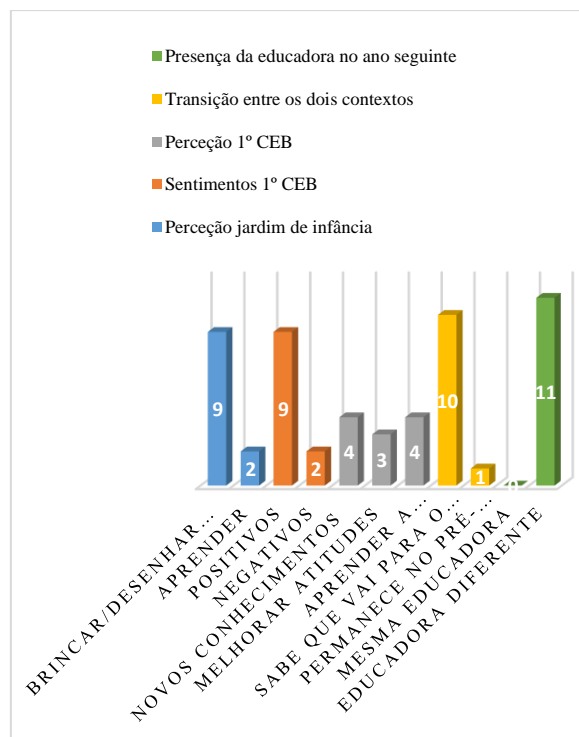


Figura 1. Entrevista realizada às crianças no pré-escolar

O principal objetivo da formulação destas questões foi, por um lado, fazer com que a criança refletisse sobre a sua mudança para uma nova etapa educativa e, por outro, compreender as suas perceções sobre esse acontecimento. Nesta sequência, a alínea i) pretendeu aferir o que as crianças aprenderam enquanto estiveram no jardim de infância. Constatou-se, através das várias respostas, que as crianças conseguem falar sobre a sua futura realidade e esperam atividades diferentes daquelas que fazem no JI. Verificou-se, ainda, que se centram na ideia de que no 1º Ciclo vão construir “novas habilidades morais e académicas” (Barbosa & Delgado, 2012, p.119). Quisemos também saber as suas expectativas para o que irá ser realizado no 1º CEB (alínea ii)). De acordo com Sim-Sim (2010), se questionarmos as crianças sobre o motivo pelo qual querem ir para a escola ou o que é que vão aí aprender, elas irão responder que é “para aprender a ler e a escrever” (p.111). Efetivamente, quando foi feita a pergunta, a resposta da maior parte das crianças foi:

D – Vou aprender as letras e os números.

Para além disso, e ligando esta ideia ao pretendido na categorização da alínea iii), quisemos perceber os sentimentos que a criança tem relativamente ao 1º CEB. Castro (2004), citado por Alves (2008, p.26) refere a este propósito que o facto de a criança até ter um sentimento e pensamento positivos à escola dos meninos grandes não “deixa de ter de enfrentar o desconhecido e de ter de encarar uma realidade à qual não está habituada”. Tendo em conta esta opinião, surgiu um aspeto que também nos pareceu importante considerar, no que diz respeito à informação que as crianças recebem da família, pois através dela criam-se expectativas e imagens acerca da nova etapa pela qual a criança tem de passar e que nem sempre são positivas para ela, como reflete do exemplo que se segue:

Investigadora – *O teu irmão está na escola primária e já aprendeu muita coisa. E tu? o que é que vais aprender?*

D2 – *A estudale*

Investigadora – *E os números vais aprender?*

D2 – *Não. Eu não vou consegui. Quando eu ir para a escola e se eu não passar para a outra classe a minha mãe zanga.*

Investigadora – *Achas que é importante mudar de escola?*

D2 – *Eu não queria ter escola.*

Investigadora – *D2, para ti é mau ter escola? Aqui não aprendeste coisas novas?*

D2 – *Às vezes sim. Mas aqui ainda sou pequenino.*

Neste caso, a criança tem uma ideia negativa da escola primária pelo facto do seu irmão ser repreendido em casa, quando não obtém sucesso na aprendizagem. Uma das respostas desta criança foi dizer que queria continuar a ser pequenina porque assim a mãe não se zangaria com ela, o que, para além de mostrar uma baixa autoestima, revela também um enorme desinteresse em querer aprender. Conclui-se, pela leitura da figura, que a maior parte das crianças está contente por ir para o 1º ciclo, sabe que vai adquirir novos conhecimentos, sabe também que vai fazer novas amizades, contudo, existem outras crianças (como a do exemplo transcrito) que não têm a mesma perceção e veem o 1º Ciclo com medo e ansiedade. Os primeiros dias vividos, na escola pelas crianças, são percecionados com grande curiosidade e nem sempre como uma experiência positiva. Dando continuidade à entrevista, as crianças foram questionadas sobre o facto de se manterem na mesma sala no ano seguinte (alínea iv)). Todas as crianças, à exceção de uma, tinham a perceção de que transitariam para outra escola. Questionou-se, ainda, (alínea v) se a educadora iria continuar com as crianças no próximo ano. As respostas a esta questão, tendo sido todas positivas, são assim exemplificadas:

D – *Não. Porque para o ano temos de fazer tudo sozinhos.*

D – *Não. Porque vamos para a escola primária.*

Claramente se compreende, pelas respostas dadas, que elas conseguem falar sobre a futura realidade que terão de enfrentar, pois sabem que vão mudar de “professora”. Esta faixa etária, no seu último ano de pré-escolar, crê que existem requisitos que se devem cumprir para estarem preparadas para a entrada no novo ciclo, nomeadamente a capacidade de ser autónomas. No que concerne ao segundo contexto (1º CEB), a entrevista foi realizada também em grupos de dois, mas fora do ambiente de sala de aula, nomeadamente, na biblioteca da escola, porque as crianças se encontravam em horário escolar. Segue-se a figura 2, devidamente categorizada, da entrevista ao 1º CEB.

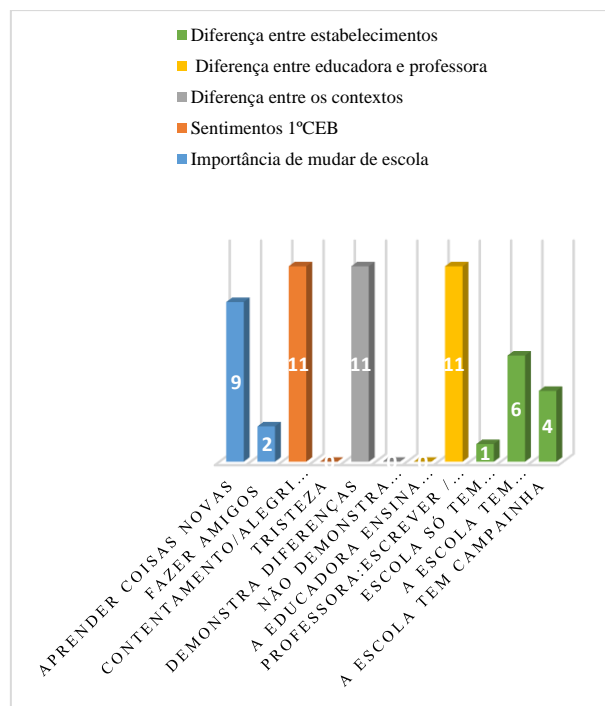


Figura 2. Entrevista realizada às crianças no 1º CEB

Relativamente ao contexto do 1º CEB, verificámos que a primeira perceção que as crianças possuem em relação a este ciclo foi a realização de trabalhos de casa e a consciência de que não poderiam brincar como no jardim de infância. No decorrer da segunda entrevista, questionou-se sobre a importância de mudar de escola (alínea i)). A maioria disse que era importante porque iriam adquirir novas aprendizagens. Quando se questionou se estavam contentes por estar no 1º CEB (alínea ii)) e quais as diferenças entre ambos os contextos (alínea iii)) concluímos, através das respostas, que a maioria demonstrou um maior entusiasmo e gosto por estar neste ciclo e, claramente, diferencia ambos os contextos, qual como se perceciona nas transcrições seguintes:

Investigadora – *O que aprendem aqui na escola?*

D1 – *Aprendemos coisas mais difíceis.*

Investigadora – *Que coisas difíceis?*

D1 – *Porque é uma escola muito grande e para quando formos para o quarto ano não temos erros.*

Investigadora – *Então e no jardim de infância o que é que aprenderam?*

D3 – *Algumas letras, alguns números. A pintar, a desenhar.*

D1 – *Aprendemos a brincar.*

Podemos, através destes excertos, verificar a diferença perceptível sentida pela criança entre o Jardim de Infância e a Escola. De facto, a função do Jardim de Infância aparece mais diluída, como um local onde se gosta de estar e, essencialmente, de brincar, a escola do 1.º CEB é fundamentalmente relacionada com a aquisição de saberes como aprender a ler, a escrever, aprender matemática, entre outros. Questionou-se, ainda, se consideravam que havia diferença entre a educadora e a professora. Tendo-se obtido, como exemplo, as seguintes respostas:

D4 – *Elas são diferentes. Uma ensina coisas fáceis e a outra não (...). Ensina coisas mais complicadas.*

D5 – *A professora ensina o alfabeto e os números até 120.*

Nesta sequência, consideramos que a criança tem a percepção de que as docentes trabalham de maneira diferente. Centram-se na organização do espaço físico das atividades e nos trabalhos e áreas onde adquirem as aprendizagens, parecendo distinguir a educadora e a professora pelo que ensinam. Concluímos com a entrevista, que as crianças revelaram contentamento por estar no 1º CEB. Contudo, muitas delas admitiram, confirmando o que se verifica pela análise da figura, que tinham medo antes de entrarem na escola, devido à presença de crianças mais velhas e desconhecidas. Demonstraram também que os primeiros dias foram confusos e que a escola não era como tinham imaginado (alínea iv)). Revelaram saudades de poder brincar e descansar sempre que queriam. Mas, verificou-se, também, que apesar de saberem que o ensino que frequentam é mais difícil e necessitam de trabalhar mais, o preferem porque aprendem coisas novas, necessárias para o seu futuro. Concluímos este estudo, referindo que é de extrema importância, nesta fase de transição educativa, ouvir as crianças, pois “a escuta deverá constituir um processo contínuo no quotidiano educativo de procura de conhecimento sobre as crianças, realizado no contexto da comunidade educativa, numa ética de reciprocidade” (Oliveira- Formosinho & Araújo, 2008, p.33). Esta escuta, revela-se importante na compreensão da percepção que a criança tem sobre a transição entre estas duas etapas, repletas de questionamentos, angústias e conceções diversas. Foi por isso crucial, enquanto investigadoras, não só compreender as conceções da criança, como também promover o espírito crítico e a reflexão sobre a sua transição entre o pré-escolar e o 1º CEB.

Não esquecemos, contudo, que a amostra é diminuta e, por isso, insuficiente para permitir a generalização dos resultados, e que seria necessário mais tempo para se poderem tirar conclusões mais aprofundadas, o que se pretende concretizar em estudos futuros.

Referências

- Alves, C. (2008). Transição do Pré-Escolar para o 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico – Que mecanismos são utilizados? Pós-graduação em supervisão Pedagógica e Formação de Formadores.
- Barbosa, M. & Delgado, A. (2012) Alfabetização e escolarização: outros modos de pensar a leitura e a escrita com as crianças. In Barbosa, M. & Delgado, A. (Eds.) *A infância no ensino fundamental de 9 anos* (pp.114-148). São Paulo: Penso Editora.
- Bardin, L. (2007). *Análise de conteúdo* (edição revista e atualizada). Lisboa: Edições 70.
- Departamento de Educação Básica. (2004). *Organização Curricular e Programas – 1 Ciclo*. 4ª ed. Lisboa: Ministério da Educação.
- Katz, L. & Chard, S. (1997). *A abordagem de projecto na educação de infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Katz, L. & Chard, S. (2009). *A Abordagem de projeto na educação de infância*. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Marchão, A. (2002). Da formação de educadores e professores aos processos de construção e gestão do currículo nas 1ªs etapas da educação básica (Educação Pré-Escolar, 1º Ciclo). *Aprender*, 26, 33-40.
- Martins, A. (2014). *A transição do Pré-Escolar para o 1º CEB: Uma preocupação de todos*. Relatório da Prática Profissional Supervisionada. Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Máximo-Esteves, L (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. & Araújo, S. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, B. S. (2008). *Escutar as vozes das crianças como meio de (re) construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas*.
- Silva, I. et al (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sprinthall, N. & Sprinthall, R. (2000) *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw- HILL.